

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA**

INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS

**A EXPERIÊNCIA SOCIO-CULTURAL DOS ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DA ÁFRICA LUSÓFONA EM REDENÇÃO
E O IMAGINÁRIO BRASILEIRO SOBRE ÁFRICA**

FRANCISCO ROBENILSON LIMA SILVA

REDENÇÃO-CE
2016

FRANCISCO ROBENILSON LIMA SILVA

**A EXPERIÊNCIA SOCIO-CULTURAL DOS ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DA ÁFRICA LUSÓFONA EM REDENÇÃO
E O IMAGINÁRIO BRASILEIRO SOBRE ÁFRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

REDENÇÃO-CE
2016

FRANCISCO ROBENILSON LIMA SILVA

A EXPERIÊNCIA SOCIO-CULTURAL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁFRICA LUSÓFONA EM REDENÇÃO E O IMAGINÁRIO BRASILEIRO SOBRE ÁFRICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovada em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luís Tomas Domingos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
Orientador

Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
Examinador

Prof^a. Dr^a Andréa Cristina Murado
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira
Examinadora

Dedico este Trabalho Conclusão de Curso, a minha mãe Antônia de Souza Lima, que promoveu antes de tudo a motivação para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por toda a sorte de bons acontecimentos que me vem sucedido, aos meus amigos e minha namorada Isabel Regina Freitas Ferreira, que me ajudaram tanto emocionalmente, quando materialmente em todos os momentos de dificuldades no decorrer desta pesquisa, e, além disso, agradeço por ter todos eles ao meu lado pois reconheço que os poucos amigos que tenho são de fato verdadeiros, agradeço ainda a minha família, minha mãe Antônia de Souza e minha avó Cicera Salomé de Souza, por todo suporte e palavras sinceras pelas qual não teria eu chegado ao final desta obra.

Agradeço a meu orientador Luis Tomas Domingos, pelo apoio academico e por guiar-me através das ideias do trabalho aqui apresentado. Agradeço ainda a todos os que cederam um pouco de seu tempo e paciencia para responderem as entrevistas aqui usadas como material de reflexão, e todos os demais que deram mesmo que indiretamente suporte para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Em 2009, o município de Redenção (CE) foi escolhido para receber a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), o município é reconhecido por ser o primeiro do país a libertar seus escravos e a partir da chegada da universidade passa a receber um grande numero de estudantes provenientes de países lusófonos que daí em diante passam a residir no próprio município e em cidades próximas. O presente estudo procura compreender como se relacionam os alunos negros estrangeiros com os moradores do município, que tipos de interações e representações existem contexto do dia a dia, quais são as dificuldades e desafios encontrados pelos estudantes neste município do interior. A pesquisa realizada é dividida em dois capítulos, o primeiro procura tratar de uma visão geral do problema enfrentado pelo negro no Brasil, e suas raízes históricas levando em consideração o recorte da pesquisa, e descreve o quadro do município e das relações que serão analisadas. O segundo capítulo trata de analisar as relações que são objeto desta pesquisa a partir de entrevistas feitas com moradores redencionistas, e estudantes africanos.

Palavras-chave: Estudantes africanos, adaptação, choque cultural, preconceito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O CARATER RACISTA NO PAIS DO “PROGRESSO”	9
1.1 A construção e a reprodução do racismo no Brasil: da Colônia à Republica	11
1.2 Sobre a realidade e experiências do estudante africano em Redenção/CE	16
2 O RACISMO SUTIL: A REALIDADE DE SER NEGRO NO BRASIL	20
2.1 Depoimentos e Relatos: O Aluno estrangeiro no Município de Redenção	22
2.2 O cotidiano dos alunos estrangeiros: dificuldade, discriminação e os desafios numa cidade do interior.	25
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO	32

1 INTRODUÇÃO

Em 2009 o município de Redenção CE recebe a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). A cidade recebeu esse nome devido ao fato de ser a primeira no Brasil a libertar seus escravos, fato ocorrido no dia 1º de janeiro de 1883, cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel. A universidade que aqui se instala tem como objetivo promover a integração entre o Brasil e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) ou Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)¹ são eles: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. Dessa forma, um grande número dos estudantes é proveniente desses países. A partir da crescente chegada de estudantes estrangeiros, bem como de estudantes brasileiros, o quadro do município muda bastante no sentido econômico, turístico e cultural. Além de ser sede da universidade passa a ser também lar de um grande número de estudantes, que passam a residir no município para estarem mais próximos à universidade, devido ao fato desta ainda não ter estrutura residencial pronta para agregar os demais alunos.

Partindo desta realidade, o presente estudo procura compreender, a partir da análise de entrevistas, como se relacionam os moradores do município (brasileiros) com esses alunos estrangeiros provenientes dos países africanos, levando em conta o histórico brasileiro de discriminação contra o negro, e a trajetória do estudante negro estrangeiro, analisada em outras universidades. Para essa pesquisa, levando em consideração a população do município e o grande número de interações entre os indivíduos diariamente, procurou-se priorizar certos indivíduos que mantêm uma relação mais constante, ou seja, pessoas mais próximas do dia a dia dos estudantes estrangeiros, tais como comerciantes, moto taxistas, ou mesmo vizinhos, para uma apreensão de informações mais consistentes à análise, devo destacar porém, que apesar da grande relevância de assuntos relacionados a identidade e sua transformação nesse novo meio, e como os alunos estrangeiros reproduzem a imagem desta nova sociedade em que se inserem, não pretendo me aprofundar muito sobre, o estudo aqui realizado tem como maior enfoque relações entre os indivíduos citados e tentar entender suas interações vem a ser meu objetivo principal.

¹ PALOP é o acrônimo de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Ou seja, as antigas colônias de Portugal em África, possuindo cada um deles diferentes características geográficas, econômicas e demográficas. Nestes países a língua portuguesa é o elemento interno de ligação entre as respectivas populações e de projeção no exterior.

No caso desta pesquisa, trata-se de uma cidade que ainda não tem um grande fluir de pessoas e culturas tão diversas quanto numa metrópole (apesar do pequeno numero de turistas que frequentam a cidade anualmente), sabendo disso se pode notar que os choques culturais e as interações são ainda mais conflituosos, considerando a não familiaridade dos moradores locais com os novos vizinhos estrangeiros. Partindo dessa realidade se propõe antes de tudo, o debate sobre as diferentes interações e representações que se encontram nessa convivência entre ambos os indivíduos descritos, quais são as frustrações encontradas pelos alunos africanos? Quais são as formas de representação que predominam na visão redencionista sobre esses alunos? De que forma são reconstruídas as expectativas desses estudantes frente a uma realidade de discriminação do negro? Este conjunto de perguntas configurou a problematização que orientou a pesquisa que resultou no estudo aqui apresentado.

2 O CARATER RACISTA NO PAIS DO “PROGRESSO”

A dúvida que levou a realização desta pesquisa nasceu inicialmente do choque das diversas experiências absorvidas por mim no decorrer do curso de humanidades da universidade da lusofonia afro-brasileira, UNILAB. A noção da realidade quando se trata do que o senso comum pensa da situação do negro como individuo escravizado e marginalizado e o que realmente aconteceu, estão bastante distantes uma da outra, a noção de pátria libertadora que sem tem quando se fala da abolição da escravatura no brasil e que é repassada no ensino regular, não é tão romântica quanto se pensa pela maioria da população. No decorrer do descobrimento dessas novas noções, e de fatos que se mostraram surpreendentes a respeito da narrativa do negro, nasceu então esta duvida pessoal. Considerando tudo o que se é explanado pela literatura a respeito de discriminações, racismos, aliados na maioria das vezes com o fatídico quadro grave de estratificação social do país, notei que a realidade ao meu redor (o município em que é desenvolvida a pesquisa) não é diferente, e que a análise desta seria de bastante importância, primeiramente a mim, que sou eu mesmo morador desse município que passo a usar como campo de pesquisa, e também para aqueles que se interessam em entender como funciona o mecanismo das relações que aqui se procurou descrever.

O que se podia enxergar de imediato era um momento de grande mudança na cidade de Redenção – CE, tanto populacional quanto econômico, o que se percebia ainda eram as novas relações que surgem a partir disso, o que deu inicio a reflexão inicial sobre os dois sujeitos que passam a se relacionarem daí em diante, os estudantes estrangeiros e os redencionistas. Sabe-se bem que a relação entre os imigrantes de países lusófonos e os brasileiros, é um objeto de

estudo que a tempos se procura entender, porem no caso desta pesquisa, o que é levado em conta primeiramente é o fato de a interação da cidade, que sendo do interior do Ceará, e ainda não tão economicamente desenvolvida como a capital (fortaleza), tem em sua população um contato menos direto com grupos culturalmente diferentes, como se mostram os estudantes estrangeiros.

O que chamou atenção de inicio, quando se pensou na realização desta pesquisa, foi a realidade que já era a algum tempo estudada por alguns autores, que buscaram entender a situação do negro estrangeiro no Ceará, e em outras partes do Brasil. Langa por exemplo, tendo como foco os estudantes estrangeiros na Cidade de fortaleza, mostra uma realidade bastante intrigante:

“Os imigrantes africanos são invisibilizados pela sociedade cearense, homogeneizados através da negação de possuírem identidades distintas (...). Quando são visibilizados, são apresentados como indivíduos exóticos, tradicionais, polígamos, islâmicos, vestindo roupas coloridas, falantes de línguas estranhas, analfabetos, dentre outros estereótipos existentes.” (LANGA, 2005, p. 5)

De acordo com ele, a situação do negro estrangeiro no Brasil passa por várias problemáticas, dentre elas o fato da suscetibilidade às discriminações pela qual o negro brasileiro já é familiar, o fator de marginalização é quase que automaticamente acionado a esses imigrantes (no caso dos estudantes, imigrantes temporários), como veremos mais adiante a atribuição do caráter de pobre e desfavorecido é reproduzida também frente ao negro estrangeiro. Caráter esse que é uma surpresa aos estudantes africanos que na maioria das vezes desconhecem tal comportamento no Brasil, nos momentos anteriores à sua chegada no país.

A realidade encontrada no Brasil, por vezes é bem diferente daquela imaginada pelo estudante e mostradas pelas reportagens e novelas brasileiras em África. Considerando as possibilidades de sucesso, e as expectativas que se colocam quando se vem ao país, as dificuldades encontradas são bem diferentes das que são comuns em seus países de origem, sem um meio oficial de acolhimento na chegada, eles aqui encontram um sistema racista que está entrelaçado a estrutura social, aquele que funciona sutilmente entre os indivíduos, encontram ainda uma situação econômica complicada quando diz respeito ao acesso a moradia e saúde. Além disso, os conflitos e contradições que são comuns entre brasileiros e estrangeiros são parte dessa nova realidade, de acordo com Gusmão em seu estudo sobre a diáspora africana no Brasil:

“Por suas falas, o Brasil é considerado uma maravilha, por sua semelhança com Angola – língua, costumes, cultura – mas também falam do choque que

é viver no Brasil, a dificuldade que é viver numa pequena cidade do interior. O racismo, a falta de emprego, o não entendimento da realidade dos brasileiros, da forma como vivem entram em questão. Apesar de todas as semelhanças, o fato de os brasileiros serem sujeitos de outra cultura e por mais que haja algo em comum com o mundo angolano, todos se colocam num campo de confronto e de tensão que envolve o grupo de iguais – outros africanos – e os nacionais, ou seja, os brasileiros.” (GUSMÃO, 2008, p. 10)

Com preocupação semelhante aos aspectos que foram encontrados por Langa e Gusmão em sua pesquisa, se procurou nesta análise considerar, que o estudante estrangeiro dos países lusófonos, mais especificamente Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, objeto de estudo em suas relações com os moradores locais, além de negros, tem uma característica adicional que os diferencia perante os olhos dos brasileiros, esse seria o fato de serem estrangeiros. Em determinados momentos se percebe que o estudante africano (dependendo em certas ocasiões de sua nacionalidade, e a tonalidade da pele) é reconhecido como estrangeiro antes mesmo que como sendo negro, e o diferenciando por vezes do negro brasileiro, atribuindo um caráter de exotismo. Supõe-se que a situação do estudante africano no município de Redenção- CE não é diferente da encontrada em outras universidades/cidades, onde foi mais detalhadamente analisada pelos autores citados, o que se procura, no entanto é descobrir com que intensidade se pode encontrar os estigmas contra o negro, que são triste característica da realidade brasileira, além disso faz-se necessário considerar o modo como se reproduzem as identidades meio as novas relações que se mostram no decorrer da vida do estudante no município, e como se alteram as expectativas diante da realidade brasileira.

2.1 A construção e a reprodução do racismo no Brasil: da Colônia à República

Antes de recorrer a qualquer outra consideração a respeito da realidade a ser estudada no recorte da pesquisa, faz-se necessário para entender a situação do negro na sociedade atual, ter em mente sua carga histórica, sobre como as mentalidades estereotípicas tradicionais vieram a se desenvolver na modernidade como o racismo, a discriminação e a marginalização do negro no Brasil. Para tanto, os autores clássicos que serão consultados mostram num panorama bem claro de acordo com suas realidades estudadas, como o estigma da inferioridade do negro conseguiu sobreviver durante todo esse tempo através das estruturas de poder e das atitudes do dia

a dia, mesmo depois de tantas mudanças na sociedade brasileira (como a mudança de colônia para república por exemplo), mesmo com a luta de frentes de reconhecimento da identidade negra e com importância da população afro-brasileira na construção do país.

Importante ressaltar que quando uso o termo “negro”, também incluo aí o mestiço, ao estar falando da sociedade brasileira, será um tanto difícil de se referir ao negro apenas no sentido de origem, mas tratando de uma sociedade que é resultado de diversas misturas de cor, a presença do mestiço é inevitável. Sendo assim, uso do termo para me referir aos indivíduos que sofreram e sofrem com os estigmas sociais relacionado a cor da pele (porem as considerações mais específicas a respeito do mestiço não serão citadas, na medida em que tento esboçar um ponto de vista geral sobre a ideologia dominante branca em si.)

O conceito de diferenciação e hierarquização do ser humano, ou mais comumente chamado de raça, foi apropriado de início pelas ciências exatas, onde era aplicado na classificação de espécies animais/vegetais (MUNANGA, 2004, p. 1), o termo que hoje se usa é apenas construção social que se derivou desta noção. No período das grandes navegações que decorreu entre o século XV e o início do século XVII, uma grande questão foi introduzida às mentes intelectuais europeias da época: como classificar o individuo que se encontra em culturas tão exóticas e tão “primitivas” que acaba de se descobrir? Entre os mais adeptos a causa da denominação dos povos além-mar, grandes blocos de teorias foram desenvolvidas em torno do outro em suas diferentes formas de se viver, mas sempre considerando que o centro da cultura e produção humana se manteve na civilização europeia. Com a investida da colonização, o discurso que se formou de hierarquização do ser humano, foi usado abertamente como uma ferramenta ideológica de dominação sobre os povos onde a cultura ocidental foi imposta. A característica da cor da pele foi o fator usado para classificar o individuo como sendo inferior e não civilizado, e que apenas através da dominação e colonização pelo homem branco e civilizado ele poderia ter acesso ao progresso. Obviamente a questão da cor pele chegou no discurso como fator determinante, dada a posição do outro de diferente, a primeira decisão a se tomar foi se por superior a ele. Tanto no campo científico, como no religioso, a afirmação do outro, negro, como sendo inferior foi aceita e usada para os mais diversos propósitos, levando a uma das maiores tragédias da humanidade, a escravidão, e deixando após isso a cicatriz do racismo contra o negro.

No quadro nacional, em período de escravidão o padrão tradicionalista de inferioridade do negro era imposto como forma de dominação, e afirmação da superioridade do senhor para com o escravo. Aí entravam questões de cor já a muito passadas pela elite de que o branco,

européu, era o ser humano desenvolvido, em termos de sociedade e de técnicas, e que os demais indivíduos são apenas formas não “evoluídas” que só alcançariam progresso a partir do aprendizado da organização de civilização (estado, mercado e classes) europeu. Vindo de uma grande série de debates que mantinham o negro na base da espécie humana, em resultado de explicações religiosas, e em outros momentos científicas, o discurso de inferioridade do negro usado para garantir a dominação sobre o escravizado e assim assegurar o lucro da mão de obra, não acabou no instante em que se acabou a abolição. Florestan Fernandes fala da persistência do passado, onde em momentos posteriores a abolição, o padrão tradicionalista de estratificação racial mantinha-se intacto:

“(...) A desigualdade racial manteve-se inalterável, nos termos da ordem racial inerente a organização social desaparecida legalmente, e que o padrão assimétrico da relação racial tradicionalista (que conferia ao “branco” supremacia quase total e compelia ao “negro” à obediência e à submissão), encontrou condições materiais e morais para preservar-se em bloco.”(FERNANDES, 1972, p. 85)

A diferença porém, era que o negro além de carregar consigo o emblema de inferioridade e discriminação, passava a partir daí a ser também marginalizado. Apesar do desenvolvimento industrial e econômico do Brasil nos momentos finais do séc. XIX, a população negra mantinha-se sempre a margem do “progresso” devido ao seu abandono pelas instituições do estado. Interessante ressaltar que os adjetivos de preguiçoso, marginal, violento e etc. em certa medida vieram deste período de intensa miséria da população negra, que não tinha as mínimas condições de sobrevivência, e suas chances diminuía na medida em que se mantinha o velho discurso racista. Nos dias atuais esse mesmo discurso se mostra ainda vigente, e infelizmente evoluído, considerando que, como foi desenvolvido junto da elite branca², a mesma que detém o poder sobre o país, a mentalidade racista logo se desenvolve junto com as estruturas de poder da sociedade brasileira.

Ao invés de instaurar no pós-abolição um regime igualitário de sociedade (que até chega a ter um tom utópico), o que se encontra é uma continuidade daqueles que se mantinham no poder em tempos de escravidão. A elite que monopoliza os meios de produção e fazem riqueza a partir dele são os que ditam as regras, enquanto os limites entre a população negra ficam bem claros, e a mentalidade racista continua a vigorar, como evidencia Fernandes:

² Reconheço aqui como elite branca, a parcela da população que produz e reproduz ideologicamente um discurso dominante sobre a população negra. e que detém certo poder de capital.

“(...) As manifestações de preconceito e de discriminação raciais nada tem a ver com ameaças por ventura criadas pela concorrência ou pela competição do negro com o branco (...) elas são expressões puras e simples de mecanismos que mantiveram, literalmente, o passado no presente, preservando a desigualdade racial ao estilo da que imperava no regime de castas.” (FERNANDES, 1972, p. 100)

A sociedade de maneira nenhuma estava disposta a ajustar o negro pós-liberto nos amparos dos direitos que eram uteis apenas para a elite, pois tudo girava em torno do progresso, e não havia quaisquer preocupação quanto a população negra, que se inseria cada vez mais num quadro de miséria.

No país, Cada localidade construiu o seu racismo com detalhes e peculiaridades sincronizadas com o seu histórico de opressão racial, diversificando na estrutura de um racismo brasileiro especificidades que podem ser identificadas nos racismos regionais. No que diz respeito ao estado do Ceará, o discurso que se mantinha difundido desde a metade do sec. XX era o de que “não havia negros” no estado, ou de pelo menos que existiam em pouco numero. A ironia porem está no fato de que a população negra compõe a maioria no estado do Ceará, dada a situação da abolição, para onde iria toda a massa de homens livres que residiam no estado? Sabendo que a economia nesta parte do Brasil funcionava basicamente a partir da agricultura, mais necessariamente movida por mão de obra escrava. Assim como no resto do país, essa população manteve-se na linha de pobreza, a abolição não foi em sua magnitude um ato de generosidade, ou mesmo humanitário (mesmo tendo entre seus planejadores, mentes que de fato buscavam os direitos da população negra), o ato de libertação dos escravos resulta dentre inúmeros fatores, entre eles, da não mais necessidade de tal regime econômico, ou numa tentativa de alcançar o progresso (já que em determinado momento o Brasil era um dos únicos países a ainda manterem a pratica da escravidão). No imaginário da população, mais necessariamente no imaginário da elite, o cearense era uma mistura de branco e índio, excluindo aí qualquer participação do negro, ou sua presença na população da época, a abolição, não apenas “aboluiu o” o escravizado, mas também o fez desaparecer da sociedade, ou pelo menos era o que se tentava fazer.

O estado foi nomeado de terra da luz por ter realizado a abolição formal da escravatura quatro anos antes da lei áurea, e por esse motivo tem também diversas celebrações cívicas regionais. O que vale notar no entanto, é o fato de grandes comunidades negras rurais, e mesmo as famílias negras que residem em bairros populares, serem totalmente invisibilizadas nesse processo de exclusão do negro da história de acordo com o discurso, por esse e outros quadros

de negação da população negra, que surge em 1985 o movimento negro cearense, outro ponto relevante é o fato de que, além de ser excluído no discurso elitista, o próprio negro tem uma grande tendência em negar sua cor, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2007 a quantidade de pessoas que se declaravam negras no Brasil representava apenas 6,9% da população total do país, enquanto 42,6% dos brasileiros se auto reconhecem pardos. No Ceará, 2,4% da população se diz negra contra 63,5% que se declara parda. O que deve ser levado em conta também é o fato de que a invisibilidade do negro no Ceará nos últimos séculos, não apenas diz respeito a questões sociais e individuais, ela vai até a situação política, onde cada vez mais serão levados a marginalização e a pobreza uma população que não é reconhecida pelo estado. Sobre a invisibilidade do negro no Ceará, Ratts afirma:

“(...) é uma imagem que corresponde ao que ocorre em todo o país, sobretudo no interior, e especificamente em alguns estados. A chamada “fabula das três raças” ou o “mito da democracia racial” tem versões regionais(...) a invisibilidade negra (e indígena) no Ceará é um discurso geográfico, político. Se não há negros, não há por que existir movimentos, história e direito dos negros.” (JÚNIOR; SILVA, 2011, p. 22)

Apesar de o discurso elitista cearense inviabilizar a população negra, não se pode negar que o que se convencionou como cultura local nada mais é, em seus aspectos mais amplos que uma reprodução de certos costumes da própria porção que se vê excluída. As comidas que em outros lugares podem ser reconhecidas como cearense, são sem dúvida vestígios culturais da população negra em tempos de escravidão que hoje são assumidos como tesouro regional. Os heróis do folclore são claramente influenciados ora indígenas, ora negros, um claro exemplo disso é o símbolo do dragão do mar, nomeação dada a Francisco José do Nascimento, um aracatiense negro que lutou entre outros contra o tráfico negreiro tornando-se assim um ícone homenageado. Como será possível então essa tentativa de esconder a presença do negro, quando a própria cultura cearense, é construída a partir de apropriações desta mesma população? Está claro que quem recorre a esse discurso e se vale dele, está a negar a própria realidade, até mesmo no que diz respeito aos nomes de diferentes regiões do estado se pode ver a presença negra e africana (Mulungu e Mombaça, por exemplo, são expressões de origem Bantu).

Levando em consideração a influência do livro “casa grande e senzala” (FREIRE, 1989) e sua tentativa de descrever o ambiente de trabalho do escravo, assim como suas relações com o senhor branco, a esquematização da vida e das experiências no âmbito da casa grande e senzala são considerações ideológicas que não se aplicam a maior parte do Brasil, Cunha Jr. afirma

que a mentalidade que exclui o negro da história do estado foram baseados neste modelo, segundo ele:

“(...)Este imaginário, é construído tomando o modelo de relações da casa grande senzala como sendo valido para todo Brasil. Lido da seguinte forma, se não tivermos açúcar não tínhamos muito escravizados, portanto não tivemos muitos negros. Sobre a premissa da formação econômica e das relações sociais se deduz que no Ceará não tem negros, não tem cultura negra e que o indígena e o europeu são os povoadores” (CUNHA, 2008, p.104)

Outro fator que se considera em razão desse discurso de invisibilidade do negro, é a concepção estereotípica do negro, que é caracterizada pelo cabelo crespo, e traços bem mais definidos do que os encontrados na população do estado, e por esse motivo o negro não existe, em sua forma como concebem as mentes discriminatórias. Como bem se sabe do ponto de vista popular, há uma diferenciação entre o negro familiar brasileiro, que muitas vezes nem se intitula negro, mulato ou pardo em certas ocasiões, e o negro mais escuro. De uma forma ou de outra, o negro de maneira geral é a vítima do racismo, sendo ele de tonalidade mais clara ou não. O discurso elitista cearense tentou através de diversas justificativas confirmar a inexistência do negro no estado, e obviamente tal esforço contribuiu cada vez mais para a fixação do estigma da população negra, tanto no que diz respeito ao racismo quanto sua marginalidade que é por vezes acentuada e continuada pelo passado histórico escravista, onde como já mencionado deixa no momento da abolição o ex-escravizado à margem da sociedade e sem qualquer meio de inserção social, ou de sobrevivência.

2.2 Sobre a realidade e experiências do estudante africano em Redenção/CE

Delimitando um pouco mais até a realidade que aqui se pretende estudar, o município de Redenção, é uma cidade relativamente pequena em sua sede, porém geograficamente maior quando olhada de suas localidades e distritos, o senso do IBGE realizado em 2010 descreve que a população deste município é de aprox. 26mil habitantes³. Em seu passado histórico, similarmente as demais cidades cearenses, teve um passado econômico de produção regida a mão de obra escrava, mais claramente exercida pela agricultura da cana de açúcar nos engenhos, apesar deste não ser o produto marcante que se produziu no estado, no município de redenção ainda

³ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=231160> Acesso em: 05 Julho 2015

se pode encontrar vestígios de casas de engenho que se empenhavam na agricultura da cana de açúcar. O município era antes chamado de Acarape (nome atualmente dado ao município vizinho resultado da divisão do perímetro anterior), e se intitula a primeira cidade no país a abolir totalmente seus escravos, no dia 1º de janeiro de 1883, e devido a isso batizado como “berço das autoras”, e “Rosal da liberdade” e tem em seus monumentos principais como a figura da negra nua logo na entrada da cidade, certa afirmação desta ideia de primeira libertadora, e faz disso de certa maneira seu lucro turístico. Considerando os motivos para o fim da escravidão no Brasil, a falta de rendimento e lucro que não mais se obtia pelos meios da mão de obra escrava, eis que essa iconização da cidade de redenção parece-me ambígua, no sentido de que foi construída encima de um ideia fictícia de libertação humanitária, quando na verdade os motivos para tal ato foram outros.

Em 2009 o município de Redenção CE recebe a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), e a partir desse momento recebe também uma grande quantidade de alunos proveniente de países lusófonos (falantes da língua portuguesa), além deles chegam à cidade também demais estudantes brasileiros de outras partes do estado e do país que dão início ao seu dia a dia universitário. O que se encontra na atual realidade do município é uma maior gama cultural e populacional quando comparada com o momento anterior a chegada da universidade, além das diversas interações que tomam início aí, outros fatores interessantes devem ser considerados sobre o lugar.

Muitos alunos africanos vêm de classe média do seu país e ao chegar aqui se deparam com uma cidade do interior que se mostra bem abaixo dos padrões ao se comparar com sua cidade natal em África, muitas vezes o estereótipo aplicado aos estudantes africanos é a de que por serem de um continente subdesenvolvido, ou como se vê pelo senso comum “pobre”, o estudante estrangeiro carrega certo estigma de dificuldades. Esse quadro retrata o grande choque de visões que aqui se procura analisar. De outro lado, o estudante estrangeiro em certos momentos tende a apreciar outras cidades (tais como a capital, ou cidades mais turísticas), a procura de lazer e até mesmo para moradia, afirmando que a cidade sede da universidade (Redenção) não tem recursos suficientes, tais como shoppings ou lugares destinados ao lazer, o que se procura bastante em fins de semana e outros momentos de tempo livre dos estudantes.

Outro fato a se considerar na cidade, é que a partir desta demanda de espaço, moradias e um crescente número de estudantes que continuam a chegar à cidade, os empresários locais estão investindo em obras civis, tais como apartamentos e ambientes de lazer que viabilizam de certa forma os estudantes da universidade que como alvo deste mercado, tendem a encontrar

preços altíssimos no que diz respeito às moradias. Essa mudança é mais que visível, prédios passam a existir em zonas onde antes existiam apenas pequenas casas residenciais, novos supermercados abrem suas portas esperando lucrar na demanda da população que continua a aumentar, e o município passa a crescer, tanto economicamente quanto no que diz respeito à diversidade da população, alunos estrangeiros de países lusófonos, e alunos de diversas partes do estado que frequentam a cidade (sendo uma grande maioria também residentes devido a proximidade a universidade) porém, torna-se necessário notar a direção de tal crescimento, onde quem já possui algum capital para investir nos novos clientes cresce exponencialmente, mas quem depende desses mesmos serviços (pessoas que moram de aluguel, que frequentam os mesmos espaços de lazer) passa a encontrar dificuldades financeiras enormes. Mesmo não sendo o foco desta pesquisa, percebe-se que levando em conta a demanda por moradias e o preço dos alugueis que tendem a aumentar, a população local que antes se mantinha estável em seu quadro habitacional, hoje encontram dificuldades tendo seus alugueis aumentado exponencialmente devido aos estudantes que procuram moradias, e que geralmente estando em certo numero, podem arcar com preços maiores, o que faz os donos de imóveis não hesitarem ao aumentar o preço de seus negócios. Com isso as mudanças na cidade se mostram não apenas aos novos indivíduos que nela se inserem, mas mechem profundamente também os antigos moradores, que em muitos momentos passam a não ser mais o alvo das produções residenciais, e por esse motivo é um equívoco dizer que tais mudanças trouxeram progresso e pontos positivos a todos (como se percebe com alguns relatos provenientes das entrevistas).

A vinda de estudantes africanos ao Ceará não é novidade, não é de hoje o fato de universidades manterem certo numero de estudantes estrangeiros matriculados, para tanto vejamos o exemplo da Universidade Federal do Ceará (UFC) que mantém atualmente grande contingente de estudantes provenientes dos PALOP, estudantes estes que em boa parte vieram através do PEC-G⁴, e outros que fazem parte de um contingente que veio ao país antes deste período, mas especificamente em 1990 quando desembarcou o primeiro grupo de estudantes oriundos de Angola no Ceará (LANGA, 2012, p. 2), há também aqueles que contam com bolsas do governo brasileiro, ou de seus próprios governos, contam ainda com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão em África. Esses estudantes que chegam ao Brasil para os

⁴ O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) criado em 1965, administrado pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Ministério da Educação, é responsável por oferecer vagas de formação superior à estudantes de outros países que estão filiados ao Brasil, e que mantem acordos educacionais e culturais, tais como os PALOP.

fins de formação superior, tem em si, uma enorme carga cultural que trazem de África, são vivências e filosofias que passam a ser desenvolvidas e reproduzidas agora, numa realidade diferente da que costumam viver, Segundo Gusmão:

“O sujeito que migra é parte de um contingente que carrega trajetórias e expectativas diversas, contudo são todos agentes de um duplo processo: o da internacionalização das realidades africanas, portuguesas e brasileiras; e, sujeitos cujo processo de circulação trás à tona, os processos de cooperação entre países e nações que, a um só tempo, incidem diretamente naquilo que são como indivíduos sociais e coletivos, inseridos num campo de tensão cultural e política, individual e coletiva.” (GUSMÃO, 2014, p. 45)

Nas demais interpretações teóricas, o estudante estrangeiro é tido como um caso especial, devido a situação temporária de sua estadia no país, o que os difere dos casos migratórios das diásporas que vieram se instalar permanentemente. A problemática do estudante africano nas instituições brasileiras não é muito abordada em meio teórico, o que se encontra a respeito na maioria das vezes são artigos de breve discussão sobre a realidade de forma geral do estudante no Brasil, porem é encontrada visibilidade mais rapidamente quando diz respeito a casos de discriminação, ou quando são vitimados por violência que na maioria das vezes está ligada a questões raciais (GUSMAO, 2014, p. 46).

No que diz respeito a universidade que participam os alunos alvos desta pesquisa, a UNILAB, é uma instituição que sendo a segunda federal presente no estado (seguido pela universidade federal do Ceará, UFC) visa em seu funcionamento estabelecer uma relação de cooperação internacional sul-sul, com o foco central em África. Como se percebe a universidade tem prioridade em abrigar alunos africanos, em apenas poucos anos de sua criação ainda não se pode comparar numericamente o numero de estudantes estrangeiros que fazem parte desta com o enorme contingente que há anos existem na universidade federal do Ceará, porem no decorrer dos anos o numero de estudantes que passa a ingressar nesta universidade continua a aumentar, assim como o numero daqueles que vem residir no município. Com este ponto de vista reconheço o presente trabalho como uma produção germinal dentre tantas outras semelhantes a essa, que abordam a realidade de alunos estrangeiros no maciço de Baturité, que nesse período de poucos anos já transbordam de tanto conteúdo a ser explorado, tais pesquisas servirão no futuro como ferramentas para se entender tais convivências, e desenvolver a partir disso novas concepções futuras de tal realidade.

Meio a esse continuo fluxo de pessoas que passam a residir no município, e o contato das diferentes culturas, que são desde brasileiras, quanto internacionais proveniente dos PA-LOP, se procurou analisar algumas relações entre os indivíduos já citados, e trazer discussões que sejam de relevância a esta área de abordagem. A seguir no segundo capítulo procuro mostrar dados resultados de entrevistas, nos quais se tenta desenvolver um diálogo com as produções teóricas abordadas neste primeiro capítulo.

3 O RACISMO SUTIL: A REALIDADE DE SER NEGRO NO BRASIL

Já tendo abordado no primeiro momento alguns dos pontos referentes ao racismo e a discriminação da população negra no Brasil, e os motivos históricos apontados por alguns autores para o quadro atual de exclusão e marginalização do negro no país, o próximo passo desta pesquisa será referente ao trabalho de campo no que diz respeito a realização das entrevistas e com isso realizar um dialogo entre a teoria movimentada e os trechos práticos vindos dos relatos. Porem será necessário discorrer de antemão sobre alguns pontos que são de extrema relevância para se entender como o racismo brasileiro ainda se mantem tão enraizado, e ainda como é negada a existência desse fenômeno do ponto de vista do senso comum.

Um dos pontos de importante influencia sobre o senso comum vem do termo “democracia racial”, utilizado e segundo alguns autores também inaugurado por Gilberto Freire, é a ideia de que na sociedade brasileira não existem divisórias “raciais” nem linhas de cor que delimitem a ascensão do individuo, a tese supõe que há no caso do Brasil uma harmonia na miscigenação, onde as diferenças são encaradas e incorporadas de maneira amistosa pela população. Essa ideia, dependendo de quem a presencie e à aplica a sociedade atual pode ter duas interpretações gerais: alguns brasileiros podem assegurar-se que no pais não há racismo, e de certa forma compactuar com a ideia da democracia racial (tendo por vezes esse senso próprio nascido já pela reprodução dessa ideia), porem de forma ainda mais clara uma pessoa negra independente de sua posição social, que convive diariamente com os inevitáveis comportamentos discriminatórios nesta mesma sociedade pode ver o absurdo em tal afirmação. É presenciada bastante desta primeira impressão pelos entrevistados brasileiros, que será mostrado mais adiante.

Segundo a democracia racial, a sociedade brasileira diferente de outras que tem um racismo considerado explicito em suas dimensões (como os estados unidos) continua cada vez mais miscigenada e por esse motivo cada vez mais difícil de ter definido quem pertence à raça

branca e quem pertence a raça negra, pela sua imensa gama de cores e variedades fisiológicas. Essa ideia foi reproduzida na literatura de diversos autores do séc. 20, o fim do racismo foi assimilado e divulgado pelos regimes nacionalistas posteriores ao lançamento do livro “Casa Grande e Senzala” de Gilberto freire, tendo com isso reproduzido ainda mais no pensamento da população da época a utopia harmoniosa brasileira. Com o passar dos anos, a ideologia dominante sempre tentou, de todas as formas, passar a impressão de que o Brasil, principalmente pela intensificação da miscigenação através dos grandes fluxos migratórios europeus, vive uma “democracia racial”, numa tentativa de tirar do imaginário internacional que o Brasil é um país negro, ou com uma maioria de população negra, que obviamente para a elite demonstra um sinal de negatividade. E dentre tantas teorias que se puseram a defender essa ideia de harmonia racial, com os processos migratórios de trabalhadores europeus a ideia criou ainda mais raízes no meio literário por um lado da produção acadêmica da época que mantinha seus interesses em difundir o pensamento da democracia racial, e obviamente no meio midiático, de que o país é uma grande mistura de povos que em sua parte também europeus (e principalmente europeus, segundo a ideia) não manifestam sinal algum de discriminação racial, ou se existe mesmo que poucos sinais deste, não durarão muito, pois serão superados pelas classes sociais e miscigenação crescente.

A ideia de democracia racial no entanto, serviu e em certa medida continua a servir como uma mascara para a realidade desigual do país:

“O processo de formação de classes sociais no Brasil é distinto do europeu e por sua vez também distinto de outros países do continente americano. Mesmo a mestiçagem ou miscigenação teve reduzida importância prática no processo de dominação visto que, os filhos das escravizadas como dos escravizadores, via de regra, viraram escravizados. (...) (a miscigenação) Serviu para encobrir a compreensão da realidade histórica das relações sociais brasileiras entre afrodescendentes e euro-descendentes. Permitiu o encobrimento da relação persistente e sistematizada de dominação.”(CUNHA JUNIOR, 2008, p. 12)

O quadro de exclusão do negro no Ceará manteve-se ainda mais fechado, considerando que além da democracia racial para apoiar o senso comum de não racismo, havia antes o discurso da não existência de negros no estado. Se não há negros, não há sequer a problemática que a democracia racial busca descredenciar. Esta ideia manteve-se ainda mais forte no sentido de que a imagem a ser passada de acordo com a elite fosse apenas o estereótipo Europeu adicionado ao indígena local, que formariam a imagem do individuo cearense (como já abordado no primeiro capítulo).

A partir desse panorama histórico complexo em que o indivíduo negro é tão mitigado, e através de tantas justificativas discriminado, se procura com as entrevistas e os depoimentos dos alunos e de alguns brasileiros entender como toda essa problemática se mostra na prática, no município do interior do estado do Ceará, com um passado claramente escravista, e que agora se vê numa mistura tão rica de novas culturas e novos agentes internacionais que se somam ao dia a dia da cidade.

3.1 Depoimentos e Relatos: O Aluno estrangeiro no Município de Redenção

Ao escolher o tema de minha pesquisa, imaginei antes de tudo como meus conterrâneos redencionistas, meus vizinhos, meus parentes, as pessoas do dia a dia de sempre encaravam essa mudança tão clara na cidade, de que forma eles mesmos recebiam os alunos estrangeiros, o que achavam das mudanças trazidas pela universidade, redenção como uma cidade do interior sempre manteve uma aura tradicional, um lugar não tão grande, um lugar onde basicamente sempre se conhecem aqueles que se encontram no dia a dia de trabalho, na praça, nos mercados, os mesmos vendedores os mesmos clientes, algo que é comum em cidades do interior, apesar de não poder negar ainda que redenção é uma cidade com certa parcela de desenvolvimento e de tráfego turístico, porém onde os conhecidos reconhecem entre si “os estrangeiros” que se inserem em seu ambiente cotidiano. Na tentativa de recolher um pouco do que acham também os redencionistas, que ponto de vista é o corrente entre a opinião pública dos já fixados à anos na cidade, foi que achei necessário não apenas abordar minha pesquisa a partir de dados dos estrangeiros, mas também buscando do outro lado da moeda, perguntando aos que acabaram de chegar, e também aos que já se faziam presentes. Fiz questão ainda de indagar inicialmente se quem eu entrevistava tinha um contato frequente com os alunos estrangeiros no dia a dia. Percebe-se que em meu papel de morador fui capaz de notar alguns boatos entre conversas e comentários, um discurso informal, se me permito descrever, que mostram de certa forma uma diferenciação por parte dos moradores que diferente da opinião do senso comum, veem a implementação da universidade e a chegada dos alunos estrangeiros como um possível gerador de problemas. Tal discurso por sua vez não foi alcançado no papel de pesquisador com as entrevistas, que apenas geraram resultados mais politicamente corretos e duvidosos sobre a realidade abordada.

Entre diversos fatores, o fato da ampliação, da infra estrutura e do comercio no município foi o citado por todos os entrevistados quando questionados sobre as mudanças trazidas pela universidade, por ser principalmente a mais notável mudança e que continua a acontecer. Assim como responde uma moradora do município:

Com a instalação da universidade no município foram ofertadas vagas de emprego e geração de renda no quesito aluguel e o movimento no comercio cresceu muito, mas nossa cidade é de pequeno porte para suportar uma universidade de ampla importância como a UNILAB, mas graças a boa vontade dos poderes executivos e legislativos de nosso município junto ao governo do estado do ceará, conseguimos acomodar boa parte da universidade. Está bem claro que a população tanto com a chegada de alunos estrangeiros como com a chegada de funcionários profissionais de outros estados e municípios está bem maior e mais cheia de cultura, valores e cores.⁵

Outro fator que foi levado em consideração bastante pelos entrevistados redencionistas é como se diferenciam os alunos estrangeiros da universidade em meio ao dia a dia, a variedade linguística foi levada em conta inúmeras vezes nas diferentes respostas, o fato de um grupo de alunos africanos ficarem uma boa parte do tempo se comunicando entre si em sua língua natal (mais comumente o *Crioulo*), chamou bastante a atenção segundo entrevistados, dado que no brasil a variedade linguística é de imediato apenas nas variações territoriais, reconheço porem que tal observação feita pelos redencionistas seria outrora também com qualquer outra língua estrangeira que estivesse sendo manifesta, considerando, que apenas a característica linguística já é uma novidade no município, onde ate mesmo os turistas dificilmente são de caráter internacional.

Apesar de poucas entrevistas realizadas, minha experiência própria como morador e os discursos que geralmente são reproduzidos na comunidade tendem a apontar que de maneira geral os redencionistas não tem um relacionamento tão conflituoso com os alunos estrangeiros, porem não se pode obviamente generalizar tal afirmativa, apenas venho a afirmar que de acordo com ambas aplicações de entrevista (brasileiros e estrangeiros) não houve relatos de atritos recorrentes entre ambos, no que diz respeito por exemplo ao relacionamento na vizinhança, ou outras formas diretas de contato no dia a dia. Um ponto que achei necessário trazer a tona no questionário aplicado aos brasileiros, foi a duvida da existência de um comportamento racista

⁵ Entrevista cedida no dia 25 de abril de 2016 por uma moradora que reside no municipio há 20 anos.

da parte dos brasileiros. De todos os brasileiros abordados por essa pesquisa nenhum deles ao ser questionado se os alunos estrangeiros da universidade sofrem racismo ou algum tipo de discriminação, reconheceram de imediato que tenham presenciado tal comportamento. Dentre os relatos um em particular chamou a atenção, quando questionado sobre o comportamento racista brasileiro, um morador respondeu:

Na verdade, são e não são. O racismo que eu vejo começa por eles mesmos ne, por que muitos não aceitam a cor, por exemplo: se eu chamar “Ei negão!” num modo amigável eles levam pra um lado racista, mas hoje o racismo tá em todo canto, todos os setores tem a questão do racismo, porem hoje tá menos, mas hoje mesmo eu acredito que o racismo pode partir por parte deles.⁶

Em diversas outras situações pessoais, já pude presenciar comportamentos semelhantes a este descrito pelo entrevistado acima, onde ao se referir a alguém como “negro num sentido amigável”, acaba por se ofender o alvo de tal afirmativa. Isso remete ao termo “racismo à brasileira”, fruto direto da cínica e equívoca “democracia racial” já comentada anteriormente, onde se caracteriza principalmente em sempre negar o ato racista excluindo-se a partir disso a existência de qualquer pratica discriminatória, não digo em nenhum momento que o caro amigo entrevistado foi ou é racista, mas que através de sua fala podemos enxergar o quando a cidade de Redenção também reproduz o quadro discriminatório que se presencia por todo o Brasil, que a mentalidade do interior não se exclui daqueles que tem na mente o negro como algo inferior e problemático, e que o sistema racista aqui também se esgueira por entre as estruturas da sociedade, onde se nega na medida que acontece, e além disso, ele também se aplica aos alunos estrangeiros da universidade que por sua vez entram previamente no imaginário social como estrangeiros, para posteriormente ao sofrerem alguma pratica discriminatória, ouvirem aquele “isso aqui é normal, é só brincadeira, eles acostumam”, Mendes ao abordar o cotidiano de alunos estrangeiros em fortaleza afirma:

“Os estudantes africanos, ao chegarem no Ceará, não estão interados dos limites sociais tradicionalmente construídos pelos brancos para segregar os negros. Não informados desses espaços de exclusão, eles rompem as fronteiras estabelecidas e transitam em espaços brancos.” (MENDES, 2010, P.77)

As entrevistas cedidas por brasileiros foram um tanto mais difíceis de se obter um bom conteúdo, devido ao teor da pesquisa, e na maioria dos casos pela forma limitada com que os

⁶ Entrevista cedida no dia 26 de abril de 2016 por um morador e servidor do município.

entrevistados relutavam em dar suas respostas, tentando dar uma resposta mais poética sobre o assunto, como já ressaltado, houve uma dificuldade de se obter um conteúdo para interpretação mais claro, considerando que tal assunto na medida que menciona algo negativo sobre as mudanças ou sobre os alunos torna-se um tabu, dificilmente se conseguiria que alguém falasse que a chegada da universidade ou dos alunos fosse algo negativo. Por este motivo foquei antes de tudo no esforço de obter informações dos alunos estrangeiros, que de acordo com as entrevistas realizadas, forneceram um material mais limpo e claro sobre o questionário.

3.2 O cotidiano dos alunos estrangeiros: dificuldade, discriminação e os desafios numa cidade do interior.

Nas entrevistas realizadas com os alunos estrangeiros, foi aplicado obviamente um questionário diferente, onde procurei entender as maiores dificuldades enfrentadas por eles, assim como suas expectativas mesmo antes de chegarem ao Brasil. Como dito anteriormente, priorizei alunos com um maior período de tempo residindo na cidade, o que no caso seriam apenas três anos, dado o pouco período de tempo de instalação da universidade. Em sua maioria o que se mostrou foi que muitos não tinham ideia do que encontrariam quando chegassem aqui, na cidade de redenção, pois diferente das metrópoles que são mostradas na mídia, tem padrões de vida bem menos desenvolvidos, e principalmente pela falta de estrutura para receber tantas pessoas ao mesmo tempo, bem como problemas econômicos e sociais bem evidentes:

Antes de vir pra cá, eu tive uma ideia de como era o Brasil, mas me surpreendi quando cheguei pra Redenção, normalmente a mídia só mostra aquela parte do Brasil que é São Paulo e Rio de Janeiro aquela coisa boa né, e a gente está acostumado a ver em novelas e series mas eu tinha conhecimento que o Brasil não era só aquilo que eles mostravam na televisão (...) quando eu cheguei eu não esperava encontrar Redenção do jeito que era (...) O que me deixou traumatizado realmente foi no momento em que eu cheguei aqui na UNILAB, nesse dia choveu, e eu não esperava descer de um taxi ou de um ônibus e pisar logo na agua, eu chorei cara, eu pensei -eu to indo pro brasil, o que mostraram eram praias edificações e coisas do outro mundo ne, o brasil ta lá nos melhores países do mundo em termo de estruturação, logo eu não vou chegar no brasil e pisar no esgoto na agua né, molhar o sapato, isso me deixou traumatizado, dia seguinte eu liguei pra família pedindo pra voltar.⁷

⁷ Entrevista cedida no dia 14 de abril de 2016 por um aluno de Angola do sexo masculino.

Além das dificuldades de adaptação, é comum dentre os entrevistados que alguns deles, ou mesmo amigos mostrem dificuldades econômicas com a vida no interior, na cidade de Redenção, devido ao preço exagerado dos aluguéis que são ofertadas às pequenas moradias. A grande maioria conta com o sistema de auxílios da universidade que foi designado para fins de moradia e manter o aluno em condições sociais e financeiras suficientes para se manter cursando o ensino superior no país, apesar de em alguns momentos não ser o suficiente para tal e por vezes chegar a atrasar ou não sair, o que prejudica totalmente a vida de quem depende deles para se manter no Brasil, mas além disso alguns deles também contam com a ajuda de familiares no quesito financeiro. Alguns relatam problemas com o clima diferente, segundo eles, no município é bem mais difícil se adaptar no início por causa do calor, o modo de preparo dos alimentos, e mesmo a água foi um impasse segundo os entrevistados, que tiveram problemas de pele por causa do alto teor de cloro na água. No que diz respeito ao comentário do colega citado acima, é de praxe de quem mora em Redenção e cidades próximas saber que não existe sistema de esgoto no município, e principalmente em climas mais chuvosos que a situação se agrava e fica notável o quanto as avenidas centrais da cidade se encontram esquecidas pelo poder público local, e o fato de muitas vezes a cidade ser lembrada por quem passa aqui apenas pelo mau cheiro.

No que diz respeito ao motivo de os estudantes terem escolhido o Brasil para cursar o ensino superior, muitos afirmam ser a melhor oportunidade no momento da escolha, a mídia apresentada aos países lusófonos mostra padrões tanto de sobrevivência quanto de educação bastante avançados sobre o país, segundo Subuhana: “As telenovelas – um dos principais artigos de exportação do Brasil – estão entre os fatores que contribuem para que esta população queira cruzar o Atlântico para fazer estudos de graduação e pós-graduação no Brasil.” (SUBUHANA, 2008, p. 19) porém deixa de mencionar na maioria das vezes a má distribuição dos recursos do país, onde mesmo com tanta imagem para se mostrar ao exterior, ainda existam dificuldades estruturais e educacionais em tão grande número, inclusive um dos entrevistados confessou se surpreender pelo nível de renda no município “Eu não esperava ver tanta carência, famílias vivendo com menos de R\$ 500 por mês”⁸. O preço dos aluguéis e demais gastos do dia a dia continuam a crescer devido ao crescimento da cidade juntamente com a universidade

⁸ Entrevista cedida no dia 12 de abril de 2016 por um aluno de Guiné-Bissau do sexo masculino.

e a chegada/circulação de pessoas. Levemos em conta então a questão de como a cidade pretende suportar uma universidade internacional, que está a cada dia que passa com uma estrutura maior, se a própria estrutura da cidade não se mostra adaptar e mesmo os habitantes estão sendo deixados pra trás no processo de crescimento do município?

Outro quesito levado em conta no questionário aplicado foram as diferenças culturais e choques imediatos sofridos pelos alunos estrangeiros em contato com os redencionistas, dentre os fatos relatados estão principalmente o costume de não saudar, e não respeitar os mais velhos, o que não é novo para a realidade do Brasil onde normalmente os mais velhos são desvalorizados, enquanto em África pelo contrário, os mais velhos são valorizados pela sua vasta experiência e sabedoria. É curioso como apesar da diferenciação imediata aplicada a um aluno estrangeiro por brasileiros, há ainda uma homogeneização no sentido de rotular todos como “africanos”, independente de seus países de origem ou de suas características culturais: “As vezes noto aquela diferenciação, nos chamam de africanos mas não seria normal chamar um brasileiro de americano seria? O mesmo acontece com a gente, seria bem melhor ser reconhecido pelo país e não pelo rotulo genérico de africano”⁹. A falta de um conhecimento sobre o continente africano, que não apenas se refere à outra imensa gama de culturas, mas também diz respeito as nossas próprias raízes, ocasiona em uma ignorância grave quando temos uma situação como essa: um aluno estrangeiro diante de um brasileiro que não sabe quase nada sobre África, e que na maioria das vezes ainda acha que África é um país (segundo diversos relatos), ou quando menciona o continente trás logo uma ideia de fome e miséria, subdesenvolvimento. Essas dúvidas quando levadas ao aluno recém-chegado torna a situação bastante constrangedora, considerando ainda a mentalidade racista e sutil que é característica do Brasil, como descrito por um dos estudantes:

Eu estava na academia, e eu não sei se a dona da academia tinha algo contra mim, mas ela é uma pessoa muito boa, eu respeito muito ela né, mas desde o momento que ela falou aquilo eu me afastei um pouco dela (...) no caso estava passando um avião do exercito, e todos foram pra fora ver as manobras que estava a fazer no espaço, e eu também saí pra ver né, aí veio a pessoa e me perguntou “tu veio do teu país pra cá, com o que e como?” aí eu fiquei alguns minutos sem responder, aí enquanto isso me fizeram outra pergunta “no teu

⁹ Entrevista cedida no dia 9 de abril de 2016 por um aluno de Cabo Verde do sexo masculino.

país tem voo que sai de lá pra cá?” aí eu não respondi, peguei minhas coisas e saí, são perguntas absurdas.¹⁰

Antes mesmo de sofrer discriminação por ser negro, há ainda a discriminação por ser de África, de outra forma não haveria tal comportamento por parte dos brasileiros se fosse o aluno de um país europeu, onde pelo contrário, além de ser sempre bem descrito pela mídia em todos os aspectos, é a base da grade curricular brasileira, que mantem uma forma de ensino eurocêntrica desde suas origens coloniais.

Quando se trata de discriminação racial, fica claro o quando isso é cotidiano dos estudantes africanos¹¹ entrevistados, ou mesmo de outros estrangeiros próximos a eles, algum comentário rápido sobre as roupas de um aluno, trocar de assento no ônibus, e outros fatos sentidos pelo negro brasileiro, e nessa ocasião sentidos também pelo estudante estrangeiro, que não avisado sobre o contexto racial brasileiro se vê muitas vezes deslocado quanto ao comportamento racista que passa sutilmente por entre as relações sociais do dia a dia.

¹⁰ Entrevista cedida no dia 14 de abril de 2016 por um aluno de Angola do sexo masculino.

¹¹ Deixo claro que o termo “africanos” não abrange todos os alunos estrangeiros da universidade, Timor Leste como sendo um país que também é contemplado com vagas, não faz parte do continente africano, porem me refiro em determinados momentos à africanos pelo fato de ter entrevistado apenas alunos provenientes de países que fazem parte de África.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo investigar e compreender as interações e as experiências socioculturais de universitários da África lusófona no município de Redenção, Ceará, e priorizando ainda o fator racial, dado o passado colonial da sociedade brasileira e seu racismo característico, que se mantém forte nas mais diferentes estruturas sociais, e como esse mesmo racismo afeta os estudantes que além de sofrerem da discriminação de cor sofrem por vezes discriminação por serem estrangeiros, rotulados e homogeneizados por boa parte da população, o choque cultural imediato resulta dentre outros num estranhamento para com os estudantes. A pesquisa mostrou que o dia a dia dessa relação entre os redencionistas e os estudantes africanos é caracterizado por situações que predominam certo grau de ignorância, no sentido de falta de uma educação que abranja as realidades que estão cada vez mais se encontrando e convivendo, africana e brasileira. Não se exclui daí ainda, os comportamentos racistas e discriminatórios que foram relatados pela maioria dos estudantes entrevistados, e acredito eu que mesmo os que não se pronunciaram em suas falas, compartilham sim do sentimento de serem abrangidos por esse infortúnio, que desqualifica tanto os negros brasileiros que principalmente no Ceará tem seus espaços negados, como os negros internacionais de África que fazem parte sim de nossa história como um dos fundadores de nossa sociedade, e estão fortemente integrados no que chamamos hoje de cultura brasileira.

O projeto da universidade da integração da lusofonia afro-brasileira, UNILAB, contribui bastante na desmistificação do estereótipo negativo que ainda existe no que diz respeito ao continente africano, ao promover uma integração entre os alunos da universidade e aos poucos com a comunidade, é visível que o município está cada vez mais reconhecendo o caráter dos seus novos habitantes internacionais, que não são apenas exóticos, mas são cheios de cultura, e diversas culturas, a universidade passa a mostrar a comunidade que África não é o que a mídia mostra, mas ao invés de pobreza e negatividade, são antes de tudo cores, e cores vivas! Não deixo ainda de mencionar a aplicação da lei 10.630/03¹² que torna obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, e que contribui bastante com a compreensão do que realmente é África, e como somos também parte dela. Apesar de todas as contribuições e esforços, a luta contra o racismo e negação do negro na sociedade

¹² Lei 10.639 disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 10 set. 2015.

brasileira ainda está longe de se extinguir, apenas com uma conscientização constante é que a história de injustiça e discriminação pode ser deixada no passado. A situação de convivência e choque cultural entre redencionistas e estudantes africanos está longe de ser totalmente compreendida, dadas as inúmeras variáveis a se considerar para se afirmar por certeza se estão ou não caminhando para um futuro harmonioso, ou parcialmente conflituoso apesar dos anos que se passam e a cada vez maior familiaridade com os estudantes estrangeiros, não se deixa ainda de afirmar que as denominações atribuídas ao negro brasileiro de discriminação e racismo são também em diversos momentos aplicadas ao estudante africano que não previamente alertado sobre essa realidade hierarquizante do ponto de vista racial, submete-se a situações degradantes no dia a dia de sua busca pela qualificação acadêmica.

LANGA, E. N. B. **Diáspora Africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais**. 2012, p. 1-5. Disponível em: http://abeh.org.br/arquivos_anais/E/E013.pdf Acesso em: 05 dez. 2015.

GUSMÃO, Neusa M. **Diáspora africana: a vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil**. 2008, p.10-11. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos_MR%2003/Neusa%20Maria.pdf Acesso em: 01 dez. 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Intelectuais negros: migração e formação entre conflitos e tensões**. In: **O público e o privado** - Nº 23 - Janeiro/Junho – Fortaleza:UECE, 2014

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb** (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira). UFF, Rio de Janeiro, nº 5, p. 15 – 34, 2004.

FERNANDES, Florestan. O impasse racial no brasil moderno. In: _____ **O negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo:GLOBAL, 2007.

RATTS, Alex. “O negro no Ceará (ou o Ceará negro)”. JÚNIOR, H. C; SILVA, J; NUNES, C. (org.) **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 22.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. **Revista e Política e Cultura**. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2008.

MENDES, Pedro Vítor Gadelha. **Racismo no Ceará: herança colonial, trajetórias contemporâneas**. 2010. Monografia (Bacharelado Ciências Sociais), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. p.77

SUBUHANA, C. . O Estudante Convênio: a experiência sócio-cultural de universitários da África Lusófona em São Paulo, Brasil. In: **Reunião de Antropologia do Mercosul** - GT 27 (Antropologia das Migrações Internacionais), 2007, Porto Alegre. ANAIS DA RAM - 2007. Porto Alegre/RS: RAM -UFRGS - 2007, 2007.

6**ANEXO****QUESTIONARIO DA ENTREVISTA**

01 – Nome

02 – País

03 – A quanto tempo você está no Brasil ?

04 – Por que você escolheu o Brasil como país para cursar o ensino superior?

05 – Ao chegar na cidade onde se encontra a universidade, quais foram as maiores dificuldades para se adaptar? (isso inclui os quesitos moradia, relação com os brasileiros etc.)

06 – Considerando suas expectativas do Brasil antes, e depois de chegar aqui, quais foram as diferenças e surpresas encontradas que você não esperava.

07 – no que diz respeito ao choque cultural, como você descreveria o dia a dia no Brasil, considerando os costumes diferentes e os hábitos brasileiros na convivência?

08 – comente um pouco sobre sua relação com os redencionistas no momento de sua inserção no município, como foram os vizinhos, como é a relação em si?

09 – você já foi vítima ou conhece relatos de discriminação contra alunos estrangeiros, sejam eles por conta da cor ou pelo fato de serem estrangeiros, ou se há algum comportamento incomodo que é reproduzido pelos brasileiros em certos momentos?

10 – Você pensa em construir uma família no Brasil? Ou voltar e usar sua formação para exercer cargos em seu país?